humanitas

Vol. LVII

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HVMANITAS

Vol. LVII • MMV

CATALDO PARÍSIO SÍCULO: *Epístolas II Parte*. Fixação do texto latino, tradução, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005) 293 p.

A figura e a obra de Cataldo Parísio Sículo têm sido longamente estudadas pelo Prof. Costa Ramalho, quer na sua vasta bibliografia dedicada ao Humanismo renascentista, quer na orientação de teses de mestrado e doutoramento. Partes substanciais da obra do humanista foram traduzidas pelo Prof. Costa Ramalho em vários dos seus livros. Por outro lado, a tradução de algumas obras, como discursos e poemas, integradas em algumas teses, beneficiou da sua orientação e revisão. Agora, são publicadas, com fixação do texto latino, tradução, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva, as *Epístolas II Parte*, de Cataldo Sículo. A tradução é acompanhada do texto latino, com actualização da grafia do latim, segundo as normas correntes em edições críticas, e desdobramento das abreviaturas. No texto cerrado de Cataldo, sem intervalos, foram criados parágrafos e modernizada a pontuação. No final do volume, vai reproduzido, em fac-símile, o texto original do humanista. As anotações são, na sua sobriedade, muito claras e perfeitamente elucidativas. Tudo isto torna agradável e fácil a consulta desta obra.

Cataldo, humanista italiano, chegou a Portugal em 1485, chamado por D. João II, e cá permaneceu até à sua morte, cerca de 1517. A sua vinda para Portugal marca, como demonstrou o Prof. Costa Ramalho, a introdução do Humanismo em Portugal.

Das suas relações com a família real e as casas da mais alta nobreza portuguesa, de que foi professor de alguns dos filhos, ficaram dele cartas ao rei D. Manuel e a muitos membros dessa nobreza, que constituem a segunda parte das *Epístolas*. Como secretário latino de D. João II, ficaram cartas a reis, príncipes e cardeais estrangeiros, entre outras altas personalidades, constituindo a primeira parte.

A publicação, em primeiro lugar, da segunda parte das *Epístolas* é explicada no prefácio. É que nela se encontra a maioria do epistolário de Cataldo dirigido a portugueses.

Na obra agora publicada em tradução, inclui-se um estudo do Prof. Costa Ramalho sobre Cataldo, muito útil, quer para se ter uma visão da vida e obra do humanista, quer para se compreender a importância das suas cartas, tanto no plano documental como no contexto dos seus escritos. Pois, como se lê no estudo, «em Cataldo, versos e prosa, poemas e discursos formam um conjunto singularmente harmonioso em que, frequentemente, a explicação do sentido de uma frase na correspondência se encontra nos versos, e a explicação de um verso se encontra na correspondência».

Cataldo Sículo foi secretário latino de D. João II e preceptor de seu filho bastardo, D. Jorge. Falecido o rei em 1495, encontrou Cataldo no seu sucessor, D. Manuel, o melhor acolhimento e as maiores provas de consideração. O novo monarca levou-o consigo na viagem que fez a Castela com sua mulher, D. Isabel, filha dos Reis Católicos, tendo-o mesmo apresentado ao sogro, o rei D. Fernando. A esta viagem se refere Cataldo numa das cartas deste volume endereçada ao «magnífico reitor e à muito celebrada Universidade de Salamanca», por esta carta se podendo calcular o ano de publicação da segunda parte das *Epístolas*, três lustros depois dessa viagem, que ocorreu em 1498.

D. Manuel arranjou-lhe mesmo dois novos alunos, filhos dos marqueses de Vila Real, uma das mais poderosas casas da nobreza: D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim logo no ano seguinte, apenas com 11 anos, e futuro marquês de Vila Real, e sua irmã D. Leonor de Noronha, com 9 anos, que seriam, no dizer do humanista, os seus alunos mais brilhantes. Este D. Pedro faria, aos 17 anos, em 1504, a oração solene inaugural do ano lectivo de 1504/1505, na Universidade de Lisboa. Como o Prof. Costa Ramalho mostrou repetidas vezes, a *oratio* «é um documento notável sobre o ambiente épico que se vivia em Portugal, em 1504, e antecipa em mais de sessenta anos o espírito de *Os Lusíadas*.

Teve ainda Cataldo como alunos membros da casa de Bragança, entretanto reconciliada com a casa real, como D. Dinis, irmão do duque D. Jaime, e o primogénito deste, o pequeno D. Teodósio, futuro duque.

Os alunos de Cataldo viriam a ser figuras gradas do reino. D. Jorge, o filho bastardo de D. João II, que se tornou um bom conhecedor da língua latina, ligar-se-ia pelo casamento à casa de Bragança e seria duque de Coimbra. D. Pedro de Meneses «teve uma brilhante carreira militar, política e diplomática, e foi um dos mecenas da cultura, elogiado por escritores contemporâneos».

Ora, na correspondência, como nos versos de Cataldo, encontramos estas e outras altas personagens da corte, intelectuais e homens de acção, além do próprio D. Manuel.

Logo na primeira carta, a D. Dinis, o já referido irmão do duque de Bragança e sobrinho, por parte da mãe, de D. Manuel, Cataldo faz referência a alguns livros seus e por uma outra carta, acima citada, ficamos a saber que enviou ao reitor da Universidade de Salamanca, com o pedido de opinião e de eventuais correcções, a segunda parte das *Epístolas*, alguns discursos e os cinco livros das *Visões*.

Há nas cartas comentários ao bom domínio do latim por personalidades da época. A Fernando de Alcáçova, de uma poderosa família de funcionários régios, e a Vasqu'Eanes de Corte Real, irmão dos navegadores Gaspar e Miguel de Corte Real, há referências que mostram que os correspondentes de Cataldo sabiam latim e nesta língua lhe escreviam.

Numa carta a Francisco Barradas, especialista em Direito Pontifício, que foi chanceler do duque de Coimbra, D. Jorge, e da Ordem de Santiago, faz referência

a uma obra em preparação, possivelmente crónicas sobre os feitos dos Portugueses em África. Em carta a D. Manuel, suplica que mande entregar-lhe «algum memorial ou comentário sobre as empresas asiáticas e africanas». A D. Pedro de Meneses, que governou Ceuta entre 1512 e 1517, a Martim de Sousa, comandante no Norte de África, e a outros pede relatórios com informações sobre os acontecimentos de África e de Ásia para compor as suas crónicas.

Das crónicas nada ficou. Ou não as escreveu, por falta das tais informações, ou perderam-se. De qualquer modo, parecem ter sido começadas, a avaliar por uma carta a Aires Teles, poeta do *Cancioneiro Geral*, na qual alude ao pedido feito ao rei de «um relato acerca dos feitos praticados quer na Ásia, quer na África, para que aquilo que começámos com tanto entusiasmo o levemos a termo calmamente». Mas, se as crónicas não nos chegaram, o vivo desejo de as compor manifestado nas cartas revela como pairava já o clima de epopeia suscitado pela navegação e pela conquista. Na mesma linha, numa longa carta a D. Pedro de Meneses, seu antigo discípulo, e exaltando um feito de armas do conde de Vila Nova de Portimão, D. Martinho Castelo Branco, no Norte de África, Cataldo comenta: «Se este feito tivesse sido praticado no tempo dos Romanos, sobre ele teriam os escritores composto uma longa história».

Cataldo gozou da intimidade da mais alta nobreza e os seus escritos são de grande valor para o estudo da época.

Na primeira parte das Epístolas, de que algumas estão já traduzidas pelo Prof. Costa Ramalho na sua obra *Latim Renascentista em Portugal*, Cataldo trata de questões relevantes na sociedade do tempo. Numa longa carta, que nos chegou com um título incompleto, endereçada a Próspero, médico judeu e seu patrício, dá nota da situação dramática dos judeus em Portugal e na Europa e insiste com ele para que se converta ao catolicismo. De Próspero, já convertido e agora com o nome de Henrique, fala também no primeiro livro das *Visões*, e foi a partir de um trecho deste livro que o Prof. Costa Ramalho reconstituiu o título da carta e identificou o seu destinatário. Como ficou dito acima, na obra de Cataldo, a explicação de um verso pode encontrar-se numa carta e a explicação da correspondência pode estar num verso. Numa também longa carta a D. Fernando de Meneses, marquês de Vila Real e pai de D. Pedro, conde de Alcoutim, faz a defesa acérrima das letras latinas contra certos *theologiculi*, os *teólogos de meia-tigela*, como traduz o Prof. Costa Ramalho. Muito interessante também e útil na leitura de Gil Vicente é a carta a Garcia Moniz, nome que é referido na cena do *Enforcado*, do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. As edições escolares deste auto vicentino apresentam sempre em nota Garcia Moniz como tesoureiro da Casa da Moeda, cargo que de facto exerceu mas nada tem que ver com as palavras que no auto lhe são atribuídas. Ora, diz-nos Cataldo nessa carta que Garcia Moniz era guarda e conservador do tesouro, mas que maior mérito era o seu como guardião de uma associação, a da Misericórdia, por cujo regulamento,

como traduz o Prof. Costa Ramalho, «homens escolhidos e dignos, cobertos de um hábito escuro, levando diante por toda a parte Jesus crucificado, sepultam os mortos, apaziguam as discórdias, reconciliam entre si os inimigos, socorrem com a esmola os infelizes. (...) Enfim, os confrades praticam com caridade extraordinária todas as obras de misericórdia». Nesta qualidade, sim, é bem possível que Gil Vicente tivesse surpreendido Garcia Moniz a confortar um condenado à forca com o *sermão* da conhecida cena do auto vicentino.

Como se vê, as *epistulae* são de extraordinário interesse para o estudo da última parte do século XV e dos primeiros quinze anos do século XVI.

A publicação das *Epístolas II Parte* constitui, pois, mais um grande contributo para o conhecimento da obra de Cataldo Parísio Sículo e daquele período da História de Portugal.

A tradução tem, naturalmente, a qualidade e a clareza de outros trabalhos do grande investigador e tradutor que é o Prof. Américo da Costa Ramalho.

JOSÉ MARIA MARTINS DA COSTA

SILVA, Maria Palmira Roque da: *Autobiografia e mito no romance "Meine Schwester Antigone" de Grete Weil* (Coimbra, Minerva Coimbra/ Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, 2004) 192 p.

Mais do que ocorre com qualquer outro mito grego, os itinerários da recepção criadora ou da recepção, que é, também ela, uma interpretação, do mito de Antígona, a partir da dramatização sofocliana, permitem-nos identificar os itinerários do pensamento político e da problematização das relações entre indivíduos e comunidade, nos últimos quatro séculos da cultura que é a nossa. A história da recepção de Antígona é, assim, espelho da nossa própria história cultural e política: Antígona/Creonte e o impasse hegeliano de tensão entre duas forças equivalentes, que inspirou a concepção goethiana de trágico, Antígona a mártir impoluta, segundo o cromatismo de um Cristianismo romântico, Antígona a heroína de todas as resistências que o séc. XIX e XX conheceram — ainda que mesmo tão só de resistência a academismos estéticos, como em Cocteau.

É, pois, sob o signo de Antígona, e sob a apaixonada exigência de uma das maiores figuras da Germanística portuguesa, a Prof. Doutora Maria Manuela Gouveia Delille, que a M. P. Roque da Silva escolheu o tema da sua tese de Mestrado — o romance da escritora Grete Weil, *Meine Schwester Antigone*, publicado em 1980.

Marcada pelos tempos de destruição e morte dos anos do Holocausto, Grete Weil carrega consigo, simultaneamente, o peso de uma vivência colectiva de